

NITRINI, Dacio. Preconceito marca os ciganos: considerados ladrões de crianças e acusados de bruxaria, eles ainda resistem. Folha de S. Paulo, São Paulo, 12 dez. 1982.

Preconceito marca os ciganos

Considerados ladrões de crianças e acusados de bruxaria, eles ainda resistem

Nas últimas semanas, várias barracas coloridas, armadas ao lado de velhos automóveis, debaixo dos viadutos da avenida marginal do rio Tietê, assustaram alguns fiscais da Prefeitura. A princípio eles imaginaram estar havendo uma nova maneira de invasão de terras por famílias desabrigoadas. Feita a inspeção, o caso foi parar direto nas mãos da polícia. Eram ciganos, de passagem pela cidade, a caminho do Mato Grosso. Diariamente, viaturas policiais rondam o acampamento, pressionando para uma retirada, embora não exista nenhuma queixa contra o grupo, que sobrevive da venda de artesanato em metal. Pacientes, os ciganos resistem, acostumados às investidas causadas por um preconceito milenar que injustamente, os qualifica de ladrões de crianças, aplicadores de golpes e até mesmo de bruxos.

"Vlemos do Espírito Santo e de Minas Gerais, algumas famílias vão para Tatuí, visitar parentes, outras estão a caminho de Mato Grosso para vender possas peças em feiras agropecuárias", explicou o líder do grupo, Euclides das Pereiras. Chapéu de aba larga, bigodinho fino, cabelos compridos, longas coxeteletas, pele morena e olhos verdes, Euclides se veste como um caboblo. Sorridente, mostra que quase todos os seus dentes são de ouro. Na tenda, forrada de palha seca, duas crianças dormem sobre acolchoados estampados em cores vivas. Djanira, sua mulher, cozinha numa fogueira, finge não prestar atenção à conversa. E, quando se dirige ao marido, fala em romaní, língua de seu povo, com olhar desconfiado.

Onze famílias, cada uma com sua tenda e um velho carro quase sempre perua, estão há mais de 15 dias nos baixos do último viaduto que dá acesso a Guarulhos, na via Leste. As mulheres desse grupo, adolescentes e idosas, seguem a tradição cigana. Usam saias longas, pulseiras, brincos, correntes douradas, dentes de

ouro e, diante de "gadgê" (não ciganos, em romaní) permanecem caladas. Quem recebe estranhos é o chefe da família. Saem apenas em grupos, com os filhos menores, vigiados à distância pelos maridos, para coletar dinheiro, adivinhando a sorte das pessoas através da leitura de mão, um costume de séculos.

Instalado também às margens do Tietê, na ponte Piqueri, outro grupo é liderado por um velho mineiro, Geraldo Mendes, de 76 anos. São cerca de 40 ciganos que costumam basear-se em Varginha, mas que decidiram viajar a São Paulo em busca de dinheiro e presentes, durante as festas de Natal. Enfrentando o barro, a água empoçada da chuva e a pressão policial, Geraldo diz que agora não sabe se ficará por muito tempo em São Paulo. "A estrada é a nossa sina", repetiu o velho várias vezes, durante a conversa.

Euclides tentou fixar-se em Colatina, Espírito Santo, onde abriu uma selaria, há uns cinco anos. Pouco lhe adiantou sua habilidade artesanal. "Quando descobriram que eu era cigano, os fregueses sumiram", contou. Mas "esse foi um mal que veio para o bem, porque o que eu gosto mesmo é de viajar com a família", contou rindo. E fez questão de explicar que anda com todos os parentes, inclusive os mais idosos. "Cigano não se separa dos velhos nunca, nem põe os doentes em asilos, porque se eles tiverem que morrer estarão ao nosso lado", disse orgulhoso.

Além desses dois, há um terceiro grupo, acampado na região de Cumbica, contou Euclides. Independentes, com destinos diversos, eles mantêm contatos diários, enquanto estão na cidade. E chegam a marcar encontros para daqui a um ano ou dois, no sertão baiano, por exemplo, explicou Euclides. Nessas andanças, às vezes, cruzam grupos de ciganos latino-americanos. "A gente fala em romanês e todos se entendem", disse

ele explicando que o romanês só se fala, não tem escrita.

O avô do avô de Euclides já era brasileiro. A família conta uma história de que o povo cigano veio do Egito para o Brasil em cativeiro, ao lado de escravos negros. Mais ele não sabe. De qualquer forma, Euclides parece repetir uma antiga lenda, disseminada pelos próprios ciganos, por volta do ano 1.000 D. C., quando eles chegaram à Europa. Nessa época, segundo o sociólogo Arthur Ivatts, da Comissão Consultiva para Educação dos Ciganos, da Unesco, eles se apresentavam como descendentes de cristãos exilados de um país chamado Pequeno Egito. E frequentemente mostravam documentos provando que o Papa os teria autorizado a vagar durante sete anos, em penitência. Graças a essa história irreal, os europeus passaram a chamá-los de egípcianos, o que deu origem à corruptela ciganos.

Na realidade, já se sabe que o povo cigano é originário do Norte da Índia, de língua ariana (cuja raiz é o sânscrito), que abandonou sua terra por volta do ano 1.000 (DC) muito provavelmente seguindo os tártaros, que invadiam a Europa. Há registros da passagem de ciganos pela Pérsia (por volta do ano 1.000), Alemanha (1417), Itália (1422), França (1427) e Península Ibérica, dez anos após, onde exerceram grande influência nos costumes.

No Brasil, a primeira referência aos ciganos surge num alvará expedido por D. Sebastião, em 1574, transformando em degredo a pena dos galés de um tal João das Torres. E as sucessivas levadas de ciganos trazidas para cá nos séculos 16, 17 e 18 continuaram a ser de degradados. Já no casamento de dom Pedro com dona Leopoldina, no século passado, aparecem os primeiros sinais de assimilação cultural, quando grupos de ciganos são convidados a participar dos festejos na Corte.



Acampados na marginal do Tietê, os ciganos são pressionados pela polícia a se retirarem.



Milos, a mulher e os filhos, na varanda de sua casa, no J. Eulina, em Campinas.



Colares, brincos e dentes de ouro.

Comunidade corre risco de perder tradições

Campinas abriga a maior comunidade cigana da América do Sul. São cerca de 600 famílias, na sua grande maioria pertencentes ao ramo Kalberasch, originário da Tchecoslováquia, Romênia, Itália e França. Elas se fixaram principalmente em três bairros (Chapadão, Jardim Eulina e Castelo), onde construíram vistosas mansões, ocupadas apenas quando não estão viajando. Segregados pela população e perseguidos pela polícia, os ciganos, pouco a pouco, estão criando raízes na cidade. E correm risco de perder suas tradições, apesar da resistência dos mais velhos.

Na tarde de quinta-feira passada, em busca de informações, o repórter abordou uma jovem cigana (as mulheres vestem roupas típicas) próximo à praça Ellis Regina, no alto do Jardim Eulina. Suas respostas foram evasivas. Ela apontava para várias mansões da rua, indicando serem residências de famílias ciganas que talvez aceitassem conversar. Repentinamente, encosta um Opala, com dois homens. O mais forte grita: "O que é que você quer?" A cigana, imediatamente, cobre a cabeça, puxando uma ponta da sala colorida e entra correndo na casa. Mais tarde, vem a explicação: uma cigana casada jamais deve andar com a cabeça descoberta. É imoral.

Logo após ter ficado clara a intenção da reportagem, o cigano italiano Milos Breskac e seu cunhado Paulo Calderacci desceram do carro e passaram da agressividade inicial a um descontraído depoimento detalhando a história da chegada do seu grupo a Campinas. Milos, antes, fez questão de rodar pelo bairro, mostrando que as melhores propriedades são de ciganos. Todas têm a mesma característica: tijolo aparente nos andares superiores, janelões gradeados e ampla varanda que se une ao jardim. Ele diz que muitos ciganos costumam manter barracas armadas fora de casa, para dormir ou simplesmente receber visitas.

O COMEÇO

A família Breskac chegou ao Brasil em 1946, vinda da Itália, via Chile e Argentina. O grupo todo era formado por pouco mais de uma centena de ciganos, que deixaram a Europa em meio à guerra, fugindo do nazismo. Como se sabe, mais de meio milhão de ciganos foram mortos no campo de concentração de Dachau. Alguns ciganos italianos conseguiram escapar dos nazistas graças ao empresário circense Orlando Orfei, que lhes deu emprego, acobertando suas verdadeiras origens.

"Quando a gente decidiu vir para a América, sonhávamos em encontrar dinheiro nas árvores", brincou. Mas a vida foi tão ou mais dura do que na Europa. Exímios artesãos em cobre — especialidade desse ramo, o Kalberasch —, o grupo se manteve estritamente nômade, percorrendo regiões onde se plantava cana-de-açúcar. "Nós fabricávamos os melhores alambiques, os mais bem feitos tachos de cobre para fazer rapadura e doces", explicou Paulo.

A cata de serviço, segulam a lavoura de cana. E permaneciam nas cidades enquanto os fazendeiros encomendavam as peças. "Eles respeitavam o nosso produto mas, como o povo todo, escondiam as crianças quando a gente estava por perto, com medo de que fossem roubadas", diz Milos, revoltado. "Eu pergunto: alguém já viu ou provou que algum cigano roubou crianças?", arrematou.

A história é interrompida. Está chegando o velho Giovani Breskac, que entra na sala brincando sério. "Hell Hitler", saudou irônico, de braço estendido. Pai e filho conversam rapidamente, em romaní. Giovani passa a reclamar da polícia campineira, que tem perseguido os ciganos acampados pela cidade. E contou que até mesmo quando uma família cigana compra um terreno vago e acampa, enquanto não constrói uma casa, os policiais derrubam as barracas. E criticou a imprensa, que ao noticiar crimes cometidos por ciganos, em lugar de identificar o autor apenas pelo seu nome, realça a sua origem. "Quando um japonês rouba quer dizer que todo o povo japonês é ladrão?" justificou.

MUDANÇAS

Hoje, a família Breskac não trabalha mais com cobre. Desde o começo dos anos 60, são negociantes de roupas pelo Interior. Milos, além disso, compra e vende imóveis. Os ciganos são responsáveis pela urbanização de muitos bairros em Campinas. "Fomos os primeiros a comprar terrenos e construir no Castelo", informou Milos. Além de Campinas, Goiânia é um ponto de concentração de ciganos, contou. Seu pai, um dos mais velhos da comunidade, aos 76 anos, estima que hoje, no Brasil, existam cerca de 10 mil ciganos. Não há estatísticas oficiais a respeito. A Unesco afirma serem cerca de 8 milhões os ciganos no mundo, deixando de lado a Índia e o Sudeste asiático. Mas há ciganólogos que os estimam em 20 milhões. Uma coisa é certa, a maior parte vive na Europa Oriental, embora no mundo

inteiro suas características básicas sejam as mesmas.

Existem dois grandes grupos de classificação para os ciganos, explicou Milos. O Rom, ao qual pertencem os Kalberasch, e o Calão, que veio da Península Ibérica. Entre os primeiros, a tradição está mais viva, e é mais cultivada. No Calão, ao qual pertencem, segundo Milos, os ciganos que estão acampados nos baixos dos viadutos da avenida Marginal do Tietê, cujos antepassados chegaram ao Brasil no começo da colonização, os traços de ciganidade não são tão nítidos. Além disso, o grupo Calão está cruzando com não-ciganos e aceita com facilidade que famílias não-ciganas se agreguem às caravanas.

PREOCUPAÇÃO

"Nos preocupamos muito em manter tradições. Em casa só falamos a primeira romaní, a primeira língua que as crianças aprendem", explicou Milos. E, embora existam exceções, não há casamentos fora da comunidade, em Campinas. Na festa tradicional de matrimônio, que dura três dias, ainda há o ritual de prova da virgindade. Os noivos retiram-se para um local onde não existe nenhum instrumento cortante ou perfurante. Depois de algumas horas retornam para a festa, trazendo a anágua da noiva manchada de sangue para exibir aos mais velhos da casa. Apenas recentemente é que os jovens casar ciganos romperam com esse costume, viajando em lua-de-mel após a comemoração.

Ao contrário da visão popular que imagina a mulher cigana como muito sedutora, o costume determina um comportamento extremamente moralista. Os casais não podem cometer adultério. E se houver separação, por tal motivo, os filhos são considerados "propriedades" da família do marido. Os velhos e as crianças são muito respeitadas e ouvidas. Entre ciganos, as brigas e desavenças são resolvidas diante de um conselho, formado pelos mais velhos da comunidade, chamado Kris.

"Não usamos avalista em nossos negócios, a palavra de cigano para cigano tem o máximo valor. Mas se houver alguma discussão, convocamos a Kris, que ouve as duas partes, cara-a-cara. Eles sabem na hora quem está mentindo, quem está com a razão. E definem uma multa para o condenado. Se ele não tiver dinheiro na hora, dois ou três membros da Kris assumem sua dívida. Todos pagam suas penalidades. Senão, ficam desmoralizados, acabam expulsos", descreveu Giovani, integrante da Kris em Campinas.